

## IMPORTÂNCIA DA ABORDAGEM DA SEXUALIDADE NA TERCEIRA IDADE

Kerolainy Lima Guedes <sup>1</sup>

Liliane de Almeida Cardoso <sup>2</sup>

José Maxuell Vieira Lopes da Silva <sup>3</sup>

Sabryna Maria Guilhermino Souza <sup>4</sup>

Lindomar de Farias Belém <sup>5</sup>

### RESUMO

O frequente avanço da medicina e o declínio da natalidade tem permitido que a população idosa aumente cada vez mais no país. Com o surgimento de tratamentos hormonais e medicamentos para disfunção erétil muitos idosos têm redescoberto o sexo na terceira idade e a falta de informação de alguns profissionais de saúde para conduzir casos dessa natureza tem contribuído para que esses indivíduos se tornem alvos fáceis de infecções sexualmente transmissíveis, como também, propagadores dessas doenças. Nesse sentido, o trabalho apresentado buscou discutir a importância da sexualidade na terceira idade e sensibilizar os profissionais de saúde para que estes abordem o tema em suas consultas. Para tanto, realizou-se uma pesquisa bibliográfica nas bases de dados *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e no Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS), com publicações realizadas no período de 2014 a 2019. A prática da sexualidade faz parte da vida saudável de todo ser humano, sendo ela importante para a manutenção das condições de saúde da pessoa idosa e para a melhoria da qualidade de vida. O ato sexual fortalece o carinho, a comunicação, o companheirismo e o cuidado mútuo. Portanto, é essencial que os profissionais de saúde, sobretudo o enfermeiro, esclareçam os tabus que cercam a sexualidade do idoso, abordem as afecções que podem comprometer o desempenho sexual e forneçam uma orientação adequada à essa população.

**Palavras-chave:** Idoso, Sexualidade, Infecções sexualmente transmissíveis, Aids.

### INTRODUÇÃO

O envelhecimento populacional tem crescido muito nos últimos anos em decorrência do declínio da mortalidade, diminuição da natalidade, melhoria na qualidade de vida e os avanços da tecnologia e da medicina. No Brasil, o número de idosos passou de 25,4 milhões em 2012 para 30,2 milhões em 2017, um crescimento de 18% (IBGE, 2018). Segundo Neto et al. (2015), o aumento da longevidade e o surgimento de tratamentos de reposição hormonal e medicamentos para disfunção erétil, tem permitido o redescobrimento do sexo na terceira idade, todavia, a ausência de assistência voltada para esse grupo tem contribuído para o aumento de

<sup>1</sup>Graduanda do Curso de Enfermagem da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, [kerolainylimaguedes17@gmail.com](mailto:kerolainylimaguedes17@gmail.com);

<sup>2</sup>Graduanda do Curso de Enfermagem da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, [almeida.lilianne@gmail.com](mailto:almeida.lilianne@gmail.com);

<sup>3</sup>Graduando do Curso de Licenciatura em Educação Física, [maxuellvieira@gmail.com](mailto:maxuellvieira@gmail.com);

<sup>4</sup>Graduanda do Curso de Enfermagem da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, [sabrynaguilhermino54@gmail.com](mailto:sabrynaguilhermino54@gmail.com);

<sup>5</sup> Professora orientadora: Doutora, DF/UEPB, [lindomardefariasbelem@gmail.com](mailto:lindomardefariasbelem@gmail.com).

infecções sexualmente transmissíveis (ISTs), como o HIV/Aids, sífilis, clamídia e gonorreia.

Para muitos, a velhice ainda é tida como sinônimo de incapacidades física ou mental, transformando o idoso em um sujeito improdutivo, incapaz e dependente (ALENCAR et al., 2014). Mesmo diante de tantas perdas que ocorrem nessa fase da vida – perda do vigor físico, da saúde, da autonomia, dos entes queridos – é possível ter uma velhice bem-sucedida, haja vista que a mesma está relacionada à boa saúde física e mental, atividade e envolvimento com a vida (VIEIRA, COUTINHO, SARAIVA, 2016).

A sexualidade na velhice ainda é acompanhada de vários mitos e tabus, passando a ideia de que os idosos são seres assexuados, inibindo-os de exercerem sua vida de forma integral (UCHÔA et al., 2016), não levando em conta os efeitos positivos que a prática sexual acarreta na melhoria da qualidade de vida da pessoa idosa (VIEIRA, COUTINHO, SARAIVA, 2016), de modo que, a ausência da mesma pode “acelerar o processo de envelhecimento e repercutir negativamente na sua saúde” (UCHÔA et al., 2016, p. 946).

No Brasil, a solicitação da sorologia anti-HIV é feita a população com mais de 18 anos em situação de vulnerabilidade, que são os usuários de drogas, homens que fazem sexo com homens (HSH) e mulheres profissionais do sexo, não dando atenção a população idosa, deixando a critério dos profissionais de saúde em solicitar ou não o teste (ALENCAR e CIOSAK, 2016). A deficiência na assistência voltada para a sexualidade da pessoa idosa tem aberto espaço para maiores incidências de infecções sexualmente transmissíveis (IST) nesse grupo. De acordo com Uchôa et al. (2016), as campanhas de prevenção das IST estão voltadas para os jovens e adultos, esquecendo-se que o idoso também possui interesses sexuais e, em vista disso, também estão susceptíveis às infecções sexuais.

Além disso, atualmente, ainda se observa problemas na abordagem da sexualidade nos idosos, tanto por parte do profissional de saúde, que se sente envergonhado em fazer perguntas no contexto sexual, como também por parte do próprio idoso, que não se sente à vontade para esclarecer suas dúvidas com o profissional por temer ser mal interpretado (VIEIRA, COUTINHO, SARAIVA, 2016).

Para Alencar e Ciosak (2016), a falta de interesse e/ou conhecimento por parte do profissional de saúde prejudica a abordagem e a orientação sobre a sexualidade e dificulta a ações de prevenção das IST. “Os mitos e preconceitos presentes no comportamento e nas ações cotidianas dos profissionais de saúde, são refletidos no atendimento e resoluções de problemas de saúde dos idosos, tornando-os mais vulneráveis nesse processo” (ALENCAR e CIOSAK, 2016, p. 1144).

Em vista disso, o objetivo deste trabalho é orientar a equipe de saúde para que estes sintam-se confortáveis em discutir essa problemática durante as consultas, com o intuito de melhorar a qualidade de vida desses indivíduos, bem como, educar a família quanto a importância e os benefícios da prática sexual da pessoa idosa, para uma melhor assistência de promoção e prevenção de doenças, visto que o número de infecções transmissíveis vem aumentando bastante nessa população, além de ser também uma forma de desconstruir os mitos e tabus em torno da sexualidade na terceira idade e, dessa forma, promover mudança de comportamento na relação sexual.

## **METODOLOGIA**

Este estudo realizou-se através de literatura realizada no período de setembro de 2018 a abril de 2019, nas seguintes bases de dados: *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e no Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS). A busca foi orientada pelos descritores: “Idoso”, “Sexualidade”, “Infecções sexualmente transmissíveis”, “HIV/Aids no idoso”, e seus correspondentes em inglês (*elderly, sexuality, sexually transmitted infections, HIV/Aids in the elderly*).

Para a seleção dos artigos utilizou-se como critério de inclusão: literaturas com no máximo 06 anos de publicação (entre 2014 e 2019), completos, em português, disponíveis online e que aludam a temática da pesquisa. Foram excluídas as obras que não disponibilizem o texto na íntegra online, relatos de caso e aqueles que estejam fora do período preconizado.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Por muito tempo a sexualidade foi vista como algo biológico, instintivo, com o único propósito de procriar. Com o passar do tempo, esse termo foi ganhando uma nova conotação social e cultural, passando a ser “uma parte integral da personalidade de cada um. Não é sinônimo de coito e não se limita a presença ou não de orgasmo. É uma energia que motiva a encontrar o amor, contato, intimidade” (IPGG, 2016, p. 6).

Segundo Vieira, Coutinho, Saraiva (2016), a pessoa idosa é vista pela sociedade como assexuada, isento de desejos ou vida sexual, perpetuando o mito de que os idosos não possuem interesses sexuais. Para Brasil (2016), a sexualidade é um comportamento que dura a vida

inteira, e não cessa com envelhecimento e que, uma boa qualidade de vida, inclui atividades mentais, físicas e sexuais regularmente. A prática sexual é essencial para manter as relações interpessoais saudáveis, como também, contribuir para o autoconhecimento e a autoestima (VIEIRA, COUTINHO, SARAIVA, 2016). Em mulheres sexualmente ativas, observa-se menos atrofia vaginal, quando comparada as mulheres que não praticam atividade sexual, visto que a prática mantém a irrigação sanguínea da vagina (BRASIL, 2016). Segundo Brasil (2016), a abstenção sexual pode ser prejudicial à tonicidade, elasticidade, lubrificação vaginal, e também, no interesse pelo sexo. O julgamento da sociedade inibe o idoso de expressar sua sexualidade de forma natural, levando-os a privações e a agir conforme as imposições sociais. Por conta disso, por muito tempo esses indivíduos foram excluídos do grupo de risco para HIV/Aids (SILVEIRA, FELIPE E SANTOS, 2015). Os próprios familiares põem obstáculos nas relações sexuais de seus idosos e os profissionais de saúde não dão o apoio que se deveria dar a essa população (VIEIRA, COUTINHO, SARAIVA, 2016), o que impede que graves comuns nessa faixa etária sejam prevenidos, como a disfunção erétil, o vaginismo, a dispareunia, o uso indevido de certos medicamentos e a prevenção das ISTs, não efetivando a promoção da saúde dessas pessoas (CUNHA et al., 2015). Vale ressaltar, que a população acima de 60 anos vem aumentando em todo o mundo, o que tem levado a uma inversão na pirâmide populacional, e muitos continuam sexualmente ativos.

Dados mostram que entre 2012 e 2017, o número de idosos cresceu em todos os estados do Brasil, sendo o Rio de Janeiro e o Rio Grande do Sul os estados com maior proporção de idosos, ambas com 18,6% (IBGE, 2018). Para Silveira, Filipe e Santos (2015, p. 3), “a sexualidade neste grupo de pessoas deve ser plenamente estimulada, uma vez que não há razões fisiológicas que impeçam pessoas da terceira idade de apresentarem vida sexual ativa”.

O maior acesso a medicamentos estimulantes da atividade sexual e a resistência dos profissionais de saúde e da sociedade em geral em se discutir a sexualidade nos idosos vem gerando um aumento no número de infecções sexualmente transmissíveis nesse grupo, com destaque para o HIV/Aids.

De acordo com a Empresa Brasil de Comunicação (2018), o citrato de sildenafila – medicamento para disfunção erétil – é comercializado a vinte anos e já atingiu 65 milhões de prescrições médicas em todo o mundo. Segundo o Boletim Epidemiológico HIV/Aids 2017, foram registrados 2.217 casos de aids no Brasil, em 2016, em indivíduos com idade igual ou superior a 60 anos (BRASIL, 2017). Em 10 anos, o número de idosos infectados com o HIV cresceu 103% no Brasil. Esse aumento na última década se dá devido a prática sexual

desprotegida entre os idosos (BRITO et al., 2016), tendo em vista que, durante a juventude dos mesmos, pouco se sabia e/ou se falava sobre as IST e, portanto, não se instituiu o hábito do uso de preservativo em suas relações (UCHÔA et al., 2016).

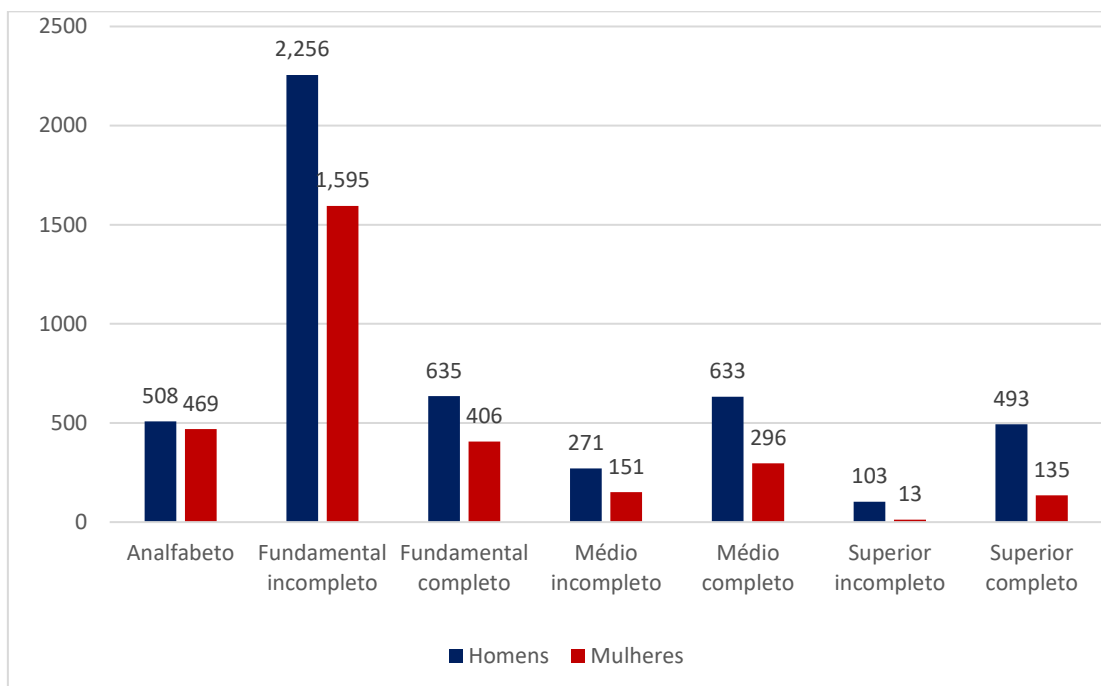
Para Brito et al. (2016, p. 143), a “resistência ao uso de preservativo está associada ao constrangimento em adquiri-lo, ao desconhecimento da forma de uso, ao medo de perder a ereção efetiva e ao conceito equivocado de que serviria apenas para evitar gravidez”. Segundo Reis e Vital (2015), com a chegada da menopausa muitas mulheres passam a não se preocupar com o uso de métodos contraceptivos, sobretudo a camisinha, e por muitas vezes estarem em um relacionamento estável, ficam despreocupadas quanto ao uso do preservativo. Conforme Silva, B et al., (2018, p. 84) “as mulheres idosas não reconhecem a possibilidade de infecção através do companheiro, desconsiderando as relações extraconjugais de seus parceiros que podem vir a infectá-las”. Há de considerar-se ainda, a incapacidade das mulheres em negociar o uso da camisinha e a submissão ao companheiro também constituem fatores que dificultam a adesão ao método preventivo (NETO et al., 2015). Ademais, mulheres idosas apresentam menor lubrificação devido aos baixos níveis de estrogênio, predispondo-as a microabrasões na parede vaginal durante as relações sexuais facilitando a transmissão de IST (NETO et al., 2015).

Para Silva, A et al. (2018), é essencial o enfoque na atuação dos médicos e enfermeiros para uma melhor assistência a esse idoso, sobretudo do enfermeiro, haja vista que este profissional está em contato direto com o paciente, entretanto, ainda se observa uma lacuna na assistência desses profissionais no que tange a sexualidade, levando a uma dificuldade no diagnóstico precoce da infecção pelo HIV/Aids. Santana et al. (2015) afirmam que, ainda existe muita dificuldade em se compartilhar informações sobre sexualidade entre os idosos e os profissionais, o que contribui para a problemática em questão e tendo como consequência uma assistência desintegrada.

A demora na procura dos serviços de saúde está diretamente ligada ao grau de escolaridade, uma vez que a epidemia atinge, principalmente, os indivíduos que apresentam baixo nível educacional (SILVA, B et al., 2018). Segundo Silva, A et al. (2018), o diagnóstico tardio faz com que muitos casos só sejam fechados na rede secundária ou terciária de saúde, quando são observadas as doenças oportunistas.



**Gráfico 1** - Casos de aids identificados no Brasil segundo as variáveis sexo e escolaridade no período de 2007-2017.



Fonte: DATASUS, 2017.

Constata-se, a partir do gráfico acima, que o maior número de casos se concentra no sexo masculino, sendo predominante nos indivíduos com escolaridade fundamental incompleto. Tal condição pode justificar a não procura aos serviços de saúde de forma precoce (SILVA, A et al., 2018). Uma vez que o nível de instrução é baixo, menos autonomia esses idosos terão para buscar conhecimento, bem como uma maior dificuldade de interpretar as informações, tendo como consequência uma capacidade de cuidado e prevenção deficitária (SILVA, B et al., 2018).

O enfermeiro tem papel fundamental no processo de orientação desses idosos e da população no geral, devendo esclarecer suas dúvidas acerca de como se dá o desenvolvimento da doença, modos de transmissão e formas de prevenção, além de outros questionamentos que possam surgir. É preciso também, levar em consideração as peculiaridades inerentes a esse grupo, como a dispareunia decorrente do ressecamento vaginal, desinteresse sexual, impotência masculina, dificuldade de ereção, uso indiscriminado de medicamentos para alcançar desempenho sexual e limitação social (CASTRO et al., 2014). O enfermeiro deve aponderar-se de seu instrumento de trabalho, a Sistematização de Assistência de Enfermagem (SAE), consultando, diagnosticando, planejando, executando e avaliando suas intervenções (SILVA, A et al., 2018). Para Medeiros et al. (2016, p. 6) é preciso “considerar a sexualidade do idoso

como presente até a finitude, para que se possa atingir as metas de cuidado para essa população” e, dessa forma, reduzir o número de idosos acometidos pelo HIV/Aids e outras infecções sexualmente transmissíveis.

O profissional deve adaptar sua fala à cultura e grau de instrução de seu paciente, de modo que ele consiga compreender e pôr em prática as orientações que lhe é dado (RIBEIRO, MELO, SOUZA, 2016). É essencial que o enfermeiro estabeleça uma relação de parceria com o paciente, fazendo com que ele se sinta a vontade para conversar e se tratar. A promoção da higiene oral também é uma atribuição da equipe de enfermagem, proporcionando um olhar holístico a pessoa idosa, não só focada na conduta terapêutica medicamentosa (SILVA, A et al., 2018).

Ademais, é essencial que enfermeiro mantenha-se constantemente atualizado, para que se possa prestar uma boa assistência de enfermagem e dessa forma ter subsídios para propiciar um cuidado integral a esse público (MEDEIROS et al., 2016; RIBEIRO, MELO, SOUZA, 2016). É fundamental uma assistência que foque, além das demandas biológicas, os fatores que podem comprometer a psique do indivíduo (CASTRO et al., 2014). Cabe à toda equipe, identificar as necessidades individuais e estabelecer um plano de cuidado com ações individualizadas que propicie a autonomia, independência e preserve a capacidade funcional do idoso (CASTRO et al., 2014).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A sexualidade na terceira idade é marcada por preconceitos que impõe a pessoa idosa o estorvo da assexualidade. As infecções sexualmente transmissíveis, sobretudo o HIV/Aids, causa grande sofrimento, isolamento e solidão ao idoso, principalmente porque a discriminação é maior por parte dos familiares e pessoas próximas. Além do mais, as ações de saúde acerca das IST são destinadas ao público jovem, deixando o idoso isento de assistência, abrindo espaço para o aumento de casos nessa faixa etária.

Se faz necessário desenvolver ações e estratégias para a prevenção das IST nos idosos, permitindo que os mesmos desfrutem de sua sexualidade de forma saudável, como também, orientar a família quanto a importância dos familiares e amigos no enfrentamento positivo da doença. É essencial que os profissionais, de modo geral, prestem assistência integral ao idoso, de maneira que ocorra uma prevenção eficaz e eficiente e dessa forma, promover a mudança de comportamento nesses indivíduos.

## REFERÊNCIAS

ALENCAR, D. L. et al. Fatores que interferem na sexualidade de idosos: uma revisão integrativa. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 19, n. 8, p.3533-3542, 2014.

ALENCAR, R. A.; CIOSAK, S. I. Aids em idosos: motivos que levam ao diagnóstico tardio. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 69, n. 6, p.1140-1146, 2016.

BRASIL, Ministério da Educação. Universidade Federal do Piauí. **Pesquisadora afirma que sexo na terceira idade traz benefícios à saúde**. Teresina, PI, 2016.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Boletim epidemiológico HIV AIDS**. Brasília, DF, 2017.

BRITO, N. M. I. et al. Idosos, Infecções Sexualmente Transmissíveis e aids: conhecimentos e percepção de risco. **ABCS Health Sciences**, v. 41, n. 3, p.140-145, 2016.

CASTRO, S. F. F. et al. Prevenção da AIDS em idosos: visão e prática do enfermeiro. **Revista Ciência e Saúde**, v. 7, n. 3, p. 131-140, 2014.

CUNHA, L. M. et al. Vovó e vovô também amam: sexualidade na terceira idade. **Revista Mineira de Enfermagem**, [s.l.], v. 19, n. 4, p.894-900, out. 2015.

EMPRESA BRASIL DE COMUNICAÇÃO. **Especialista fala sobre aumento de casos de HIV em idosos**. 2018. Disponível em: <http://www.ebc.com.br/>. Acesso em: 15 out. 2018.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Agência de notícias. **Número de idosos cresce 18% em 5 anos e ultrapassa 30 milhões em 2017**, 2018. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/>. Acesso em: 10 out. 2018.

IPGG - INSTITUTO PAULISTA DE GERIATRIA E GERONTOLOGIA. Secretaria Estadual de Saúde. **Manual de oficinas educativas sobre sexualidade e prevenção de DST/Aids no idoso**. São Paulo, 2016.

MEDEIROS, H. H. A. et al. A atuação do enfermeiro na prevenção de IST e aids em idosos: uma revisão de literatura. In: CONGRESSO NACIONAL DE ENVELHECIMENTO HUMANO, 1, 2016, Natal. **Anais...** Natal, RN, 2016. p. 1-10.

NETO, J. D. et al. Doenças sexualmente transmissíveis em idosos: uma revisão sistemática. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 20, n. 12, p.3853-3864, 2015. REIS, E. S.; VITAL, M. A. **Conhecimento e frequência de doenças sexualmente transmissíveis em um grupo de idosos do interior paulista**. 2015. Trabalho de conclusão (Graduação em Enfermagem) – Faculdade de Pindamonhangaba, São Paulo, 2015.

REIS, E. S.; VITAL, M. A. **Conhecimento e frequência de doenças sexualmente transmissíveis em um grupo de idosos do interior paulista**. 2015. Trabalho de conclusão (Graduação em Enfermagem) – Faculdade de Pindamonhangaba, São Paulo, 2015.



RIBEIRO, E. S. B.; MELO, A. P. O. S.; SOUZA, D. A. Assistência de enfermagem na prevenção do HIV/Aids no idosos. In: CONGRESSO NACIONAL DE ENVELHECIMENTO HUMANO, 1, 2016, Natal. **Anais...** Natal, RN, 2016. p. 1-9.

SANTANA, P. P. C. et al. Evidências científicas de enfermagem acerca do HIV/Aids entre idosos: uma revisão integrativa de literatura. **Revista Baiana de Enfermagem**, Salvador, v. 29, n. 3, p. 278-289, 2015.

SILVA, A. G. et al. Revisão integrativa da literatura: assistência de enfermagem a pessoa idosa com HIV. **Revista Brasileira de Enfermagem**, [s.l.], v. 71, n. 2, p. 939-947, 2018.

SILVA, B. N. et al. Panorama epidemiológico da aids em idosos. **Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde**, [s.l.], v. 14, n. 30, p. 80-88, 2018.

SILVEIRA, R. E.; FILIPE, E. M. V.; SANTOS, A. S. Sexualidade e percepção de risco para DST's em idosos da macrorregional do triângulo sul – Minas Gerais. **Biblioteca Lascasas**, [s.l.], v. 1, n. 11, p. 1-18, 2015.

UCHÔA, Y. S. et al. A sexualidade sob o olhar da pessoa idosa. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 19, n. 6, p.939-949, 2016.

VIEIRA, K. F. L.; COUTINHO, M. P. L.; SARAIVA, E. R. A. A sexualidade na velhice: representações sociais de idosos frequentadores de um grupo de convivência. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 36, n.1, p. 196-209, 2016.